

'Quem manda no Governo é o presidente'

ACM desmente que o PFL dê as cartas e diz que quem afirma isso faz intriga

ENTREVISTA

Antônio Carlos Magalhães

• Recém-saído de um bate-boca com o senador Pedro Simon (PMDB-RS) sobre o assunto, o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), garante: o PFL é o partido que menos manda no Governo. Para ele, o presidente Fernando Henrique Cardoso é quem está no comando do Governo e quem disser o contrário está querendo fazer intriga para sabotar o trabalho de seu novo líder na Câmara, o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), seu filho.

Jorge Bastos Moreno
e Lydia Medeiros

BRASÍLIA

O GLOBO: O PFL manda no Governo?

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES: O PFL é um partido capaz e que tem demonstrado competência em suas administrações. Mas é talvez quem menos mande no Governo Fernando Henrique Cardoso. Até porque quem manda é o presidente e nós sabemos disso. Ele tem inclusive amigos mais influentes do que nós. Entretanto, não temos vontade de mandar e nem ele jamais

consentiria que alguém quisesse mandar em seu Governo. Isso não passa de uma grande intriga, que não tem objetivo maior a não ser prejudicar o relacionamento do presidente com os partidos políticos que o apóiam.

• *A intriga não desgasta seu relacionamento com o presidente?*

ACM: Não. Desgastaria se fôssemos criaturas menores. O presidente sabe que eu não mando. E eu sei que não posso sequer parecer que mando, porque se parecesse que mandava, ele daria demonstrações inequívocas de que eu não mandava. Eu, como sou inteligente, não quero que isso aconteça.

• *O presidente afirma que segue o programa do PSDB. O novo líder do Governo na Câmara, deputado Luís Eduardo, diz que o presidente segue o programa do PFL. Quem está com a razão?*

ACM: O líder não disse que o presidente seguia o programa do PFL, mas que há propostas do programa do PFL que o presidente aproveita. E, nas reformas, muitas do que é defendido pelo PFL é idêntico ao pensamento do presidente e de seu Governo. Mas a intriga se faz também com o líder, na medida em que ele tem um grande trabalho a realizar, que muitos desejam sabotar.

• *O PSDB defende que o Governo se livre do discurso das reformas, partindo para realizações que tenham maior impacto na sociedade. O PFL defende, também, o abandono do discurso reformista?*

ACM: Em tese, sim. Mas se não se fizer as reformas, não se pode partir para realizações porque os recursos vão faltar. E não há Governo que possa multiplicar recursos com a máquina estatal que hoje existe no país. Se não se fizer a reforma dessa máquina, não só o Governo federal, como os estaduais e municipais vão fechar para balanço em muito pouco tempo.

• *O episódio do ministro Sérgio Motta está superado?*

ACM: Acho que o episódio foi superdimensionado pelos que querem prejudicar o Governo e também o relacionamento do ministro Sérgio Motta com o presidente, o que é uma bobagem. Se o ministro Sérgio Motta tem defeitos de temperamento, eu também os tenho. Conseqüentemente não seria eu quem iria julgá-lo.

• *O PFL admite uma rediscussão da chapa para a Presidência?*

ACM: O PFL deseja a manutenção da chapa que aí está (Fernando Henrique-Marco Maciel). Acredito que esse seja também o desejo

manifestado pelo presidente. Evidentemente, ninguém hoje pode garantir o que acontecerá em junho de 1998, até em relação ao próprio presidente.

• *O senhor tem críticas à política do Governo agora?*

ACM: Se eu disser que concordo com tudo estaria traindo minha própria consciência. Eu tenho divergências e algumas vezes tenho sorte de ele acolher o que penso, mas na maioria das vezes continuamos divergindo.

• *Qual a sua divergência fundamental com o Governo?*

ACM: Não me cabe tornar público o que falo no particular com o presidente, mas é óbvio que às vezes acho que as decisões tardam a chegar e eu, por temperamento, gosto que cheguem rapidamente. Acho que a comunicação poderia ser mais perfeita. A política econômica, no básico, está certa. Mas é óbvio que tem-se que se encontrar alguma coisa que seja um antídoto para o desemprego e é aí que entram as reformas, porque na medida que se tem a possibilidade de atrair novos capitais, você tem novos investimentos. E é preciso também que se acabe com a idéia de que só o poder público deve empregar. Quem deve empregar são as riquezas do país. ■